

Macacos têm aversão à injustiça



Macacos pensam?

Eles têm discernimento? Como se descobriu que eles teriam aversão à injustiça? Por que seria importante estudar isso? Tem relação com a Doutrina Espírita? É interessante observar como a Doutrina Espírita nos incentiva a praticar o raciocínio lógico em nosso dia a dia. Ela está lastreada em três aspectos, ciência, filosofia e religião, e, à medida que vamos crescendo, percebemos que eles contribuem equilibradamente em cada momento da nossa caminhada evolutiva.

O dr. Fernando Reinach, biólogo, nos autorizou a utilizar o mesmo título de seu artigo sobre ciência, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em que consegue aliar a teoria e a enfadonha linguagem dos artigos, dissertações e teses publicadas em revistas de grande reputação científica a uma linguagem acessível,

prática e de utilidade no dia a dia da nossa sociedade. Se muitas vezes não apresenta conexão para uso prático imediato, consegue provocar reflexões sobre aquele assunto, podendo alterar formas de pensar e de compreender a realidade que nos cerca, um dos objetivos do Espiritismo.

A experiência laboratorial

O artigo cita dados relatados na revista *Science, Evolution of Responses to (un)fairness* (Compreensão da aversão à injustiça), de Sarah Brosnan, psicóloga, PhD, e Frans de Waal, antropologista, PhD, sobre macacos terem aversão à injustiça. A experiência consistiu inicialmente de um experimento publicado 11 anos atrás por de

Waal, em que dois macacos em jaulas vizinhas são treinados para devolver pedras colocadas no seu interior. Eles recebem uma fatia de pepino para cada pedra devolvida. Os macacos são capazes de repetir a tarefa inúmeras vezes se saciando com os pepinos, sem maiores problemas. Mas quando um foi recompensado com uva (seu alimento predileto) em vez de pepino, o outro, que continuava a receber o pepino se revoltava, parava de entregar a pedra, não mais comia, chegando a atirar o pepino na cientista.

Descrição em <http://migre.me/mwV1g>, em inglês, e vídeo em <http://migre.me/mwVca>, no YouTube.

Experimentos como esses foram aprimorados, sofisticados e repetidos com dezenas de espécies de animais, como cachorros, elefantes, lobos, inclusive pássaros. Questionou-se: em vez de protestar contra a injustiça, não seria preferível eles defenderem seu interesse individual, continuando a comer o pepino em vez de passar fome? Por que eles cooperam entre si, numa espécie de reciprocidade, senso de justiça, de igualdade? Houve outras experiências nesse sentido, com interessantíssimas conclusões de tendências pró-sociais, mas são assuntos que podem ser tratados em outro momento.

Chimpanzés e crianças

Recentemente um novo tipo de comportamento foi percebido nos chimpanzés e nas crianças humanas: um chimpanzé só aceita receber um pagamento mais valioso (uva) se seu par o receber também. Para ele, ser justo no pagamento similar ao seu par significa que prefere manter a parceria no futuro, abrindo mão da “remuneração maior” (uva) agora. Interessante observar que essa atitude do macaco é quase automática entre as crianças com até 4 anos, o que não acontece com os seres humanos adultos. Nos primeiros anos da infância, constata-se a aversão à injustiça, e comportamentos de colaboração, independentemente do aprendizado e da cultura. Conclui-se com isso que os macacos e o homem já nascem com um instinto de justiça. “Portanto, é ilusão imaginar que temos de ser educados para nos tornarmos justos. E pior, se existe influência da educação, ela pode ter o efeito oposto. É possível imaginar que a educação ocidental inibe nosso senso de justiça, nos transforma em seres competitivos e mesquinhos, que dificilmente trocam uma vantagem econômica pela chance de continuar a colaborar com os parceiros no futuro”, diz Fernando Reinach em seu artigo no *Estadão*.

Seu artigo nos remete a algumas constatações interessantes da ciência, mas em especial que a “educação” (e eu diria “deseducação” ou “exemplificação negativa”) pode sugerir que a falta de ética (moral de uma maneira simplificada) ou a mentira no comportamento humano nos leva a propostas, comportamentos e ações equivocados na nossa vida pessoal, familiar, social, espiritual e política.

Estudamos na Doutrina Espírita que os Espíritos, antes de assim o serem denominados, são chamados de princípios inteligentes, e evoluem estagiando nos reinos mineral, vegetal e animal, desenvolvendo suas

“Nos primeiros anos da infância, constata-se a aversão à injustiça, e comportamentos de colaboração, independentemente do aprendizado e da cultura”

faculdades (atributos ou características do Espírito).

Outrossim, é um fato que a ciência está se aproximando da Doutrina Espírita, quando Reinach diz “a conclusão é que os macacos e o homem já nascem com um instinto de justiça”, a nossa conhecida Lei de Justiça na sua **Faculdade Consciência**, questões 873 e 874 de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. Aliás, o estudo das faculdades do Espírito nos é orientado em *Memórias de um Suicida*, psicografado por Yvonne Amaral Pereira em seu Cap.III, pág.467, 7ª edição. As reações dos animais mais evoluídos são similares àquelas que nós humanos, que estagiamos no reino animal, sentimos também.

Ciência e Doutrina Espírita - Nossas responsabilidades

Vemos, portanto, que, apesar da materialidade de Frans de Waal, a ciência acadêmica está convergindo para a Doutrina Espírita, pela exata compatibilidade da ciência com as Leis Naturais do Criador. Neste caso, a lei da justiça seria o lado racional do Espírito, enquanto a empatia (compaixão e consolo) representa o lado emocional, sensível, amoroso do Espírito, as duas asas do Espírito, uma da razão/sabedoria e outra do sentimento/amor, citadas por Emmanuel em *O Consolador*.

Daí a importância de os pais e os mais experientes agirem como educadores dos Espíritos que estão chegando nesta encarnação, pois os detalhes dos nossos exemplos e comportamentos serão impressos em nossos jovens e crianças, e, por que não dizer, nos companheiros mais experientes de jornada reencarnatória. Essa é a segurança para uma sociedade melhor em curto prazo, nesta fase de mudança de mundo de expiação e provas para mundo de regeneração. Será que muito do “mau exemplo” que aí está não é por termos exemplificado equivocadamente nesta e/ou nas últimas encarnações aos nossos mais jovens? Concluindo: Avante, ao trabalho!

Pedro Nakano Engenheiro, Expositor Espírita, Presidente do CCDPE-ECM (Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo Eduardo Carvalho Monteiro, www.ccdpe.org.br) e membro da LIHPE (Liga de Pesquisadores do Espiritismo, www.lihpe.net)

Coordenador da coluna Antonio Benjamin Diomede